QUASE SOB CONTROLE

Mesmo relativa, a segurança alimentar já pode ser considerada uma conquista da pesquisa e da tecnologia

LUIZ ANTONIO PINAZZA E REGIS ALIMANDRO

A população mundial passou de 2,5 bilhões para 6 bilhões de pessoas entre 1950 e 2000. Paralelamente, o consumo *per capita* diário de calorias avançava de 2.450 para 2.700, enquanto a produção agrícola crescia 1,6 vez.

Em outras palavras: nos últimos 50 anos cumpriu-se uma tarefa gigantesca. À luz de 10 mil anos de história agrícola, o feito é surpreendente.

Crescimento explicável

Um dos fatores capazes de explicar esse fenômeno é o alargamento da agricultura moderna – mecanização, larga escala, especialização, sementes melhoradas, insumos químicos – nos países desenvolvidos e sua expansão em alguns setores dos países em desenvolvimento.

A notável ocorrência da revolução verde nos países em desenvolvimento, com adaptação da agricultura moderna às regiões mais quentes, teve também sua importância, assim como o crescimento da agricultura irrigada de 80 milhões de hectares em 1950 para 270 milhões de hectares em 2000. A área com agricultura e pastagens cresceu de 1,33 bilhão de hectares para 1,5 bilhão de hectares.

Hoje, a produção anual de cereais está pronta para bater 2 bilhões de toneladas, gerando uma disponibilidade de 330kg de grãos *per capita*, o que corresponde a 3.600 calorias diárias.

Maldição de Malthus

Tudo ficaria próximo da perfeição se a produção fosse simétrica no mundo. Mas alguns países produzem muito mais que outros. A média global não fornece uma visibilidade adequada das regiões no planeta.

Enquanto as nações desenvolvidas disponibilizam 600kg *per capita* por ano a seus cidadãos, o valor desse índice cai mais de um terço nos países mais pobres. O triste resultado é que mais de 800 milhões de pessoas continuam a passar fome.

Embora Malthus não tivesse imaginado a capacidade do ser humano para pesquisar e desenvolver tecnologias na agricultura, seu ceticismo ainda não foi de todo desmentido.

É verdade que a população cresce em escala geométrica, mas a produção alimentar não cresce em progressão aritmética, como ele afirmara. Ao contrário, a produção alimentar tem seguido o ritmo da explosão demográfica. A obra no entanto ainda não está terminada e os desafios estão por todos os lados.

Os estudiosos em demografia projetam para 2050 uma população de 10 bilhões de habitantes, a se estabilizar em 12 bilhões em algum ponto da segunda metade do século XXI.

Em relação aos níveis vigentes, a população dobra. Para acompanhar esse ritmo, a produção mundial de alimentos terá de triplicar para erradicar a fome e a subnutrição.

Haverá recursos de água e solo suficientes para atender a todos? A julgar pelas conquistas do homem, a questão não deve ser encarada sob a óptica simplista do otimismo ou do pessimismo.

Insegurança alimentar

Enquanto a situação global mostra sinais de melhoria em termos do quadro nutricional, particularmente nos países da África se assiste a uma sensível deterioração.

Fora do círculo dos países desenvolvidos, cerca de 33% das crianças em fase pré-escolar têm o desenvolvimento biológico e mental retardado. A taxa declinou significativamente, comparada com a de 47% registrada em 1980. Em termos de quantidade, nos últimos 20 anos houve redução de 221 milhões para 182 milhões de crianças nessa situação.

Embora nas regiões mais desenvolvidas a tendência de queda no número de crianças com desenvolvimento deficitário deva prevalecer a médio prazo, na África a perspectiva é dramática: até 2005 deverá haver 49 milhões dessas crianças, contra 45 milhões em 1995 e 35 milhões em 1980, especialmente na região subsaariana, onde o quadro é mais crítico.

Baixo peso ao nascer constitui um dos fatores decisivos para o déficit nutricional e a morte prematura das crianças. Em cada quatro, pelo menos uma tem desenvolvimento fetal insatisfatório. Ligado a isso está o fato de as mulheres apresentarem sintomas de má nutrição antes da concepção e durante a gravidez.

Casos de anemia em geral se explicam por um subconsumo de vitaminas e micronutrientes, assim como pela insuficiência de ferro na alimentação de mulheres grávidas e crianças. Esse diagnóstico é válido para 2 bilhões de pessoas.

A carência de vitamina A é também apontada como deficiência relevante.

Para a saúde pública de 130 países que abrangem um contingente de 2 bilhões de pessoas, a deficiência de iodo é considerada o risco principal: 740 milhões de seres humanos são afetados pela tireomegalia, popularmente conhecida como bócio ou papeira.

Prioridade dos investimentos

As políticas públicas precisam avaliar e levar em conta as variáveis mais sensíveis para mudar o contexto da subnutrição. Os investimentos governamentais necessários a muitas delas são considerados de pequena repercussão na formação da renda nacional e na constituição de uma sociedade democrática. Por isso não ganham prioridade.

Entre 1995 e 1970, houve quatro razões básicas para uma melhora da nutrição infantil:

- a educação materna (responsável pela redução de 45% da subnutrição);
- maior disponibilidade alimentar *per capita*;
- melhoria da qualidade alimentar;
- condições de vida mais satisfatórias em relação ao homem.

Com a deflagração de conflitos civis em muitos países da África, cresceu neles a insegurança alimentar. A ONU apurou dados interessantes no tocante às maiores taxas de mortalidade das crianças: elas apareciam em 56% das nações litigantes e em somente 8% dos países em convivência pacífica.

Preços baixos

Seja no arroz, milho e trigo, os preços mundiais mostram trajetória cadente ao longo do tempo, em valores reais, quando ajustados com a inflação. As volatilidades das cotações, com súbitas altas e baixas, eram bem perceptíveis até os anos oitenta, mas depois perderam força. Alguns momentos moderados de ondas altistas foram detectados no começo e meados da década de noventa. Depois disso, voltou a prevalecer a linha descendente.

A descontinuidade da tendência baixista de longo prazo nos preços dos cereais decorreu da combinação de uma série de fatores em 1995. No Canadá e nos Estados Unidos as condições climáticas foram adversas, enquanto um conflito civil eclodia no Subsaara africano.

Por sua vez, a União Soviética e a China diminuíam suas produções e a União Européia, o nível de seus subsídios. Com isso as cotações de milho e trigo subiram, respectivamente, em 70% e 50%.

Se alguns países conseguiram neutralizar o efeito dessa conjuntura de alta tanto para os consumidores como para os produtores, noutros a resposta veio em aumento de área e produção.

As ocupações com lavouras de trigo e grãos forrageiros se expandiram, respectivamente, 5% e 3%, entre 1997/96 e 1996/95. Em conseqüência, os preços declinaram novamente e os produtores cortaram o tamanho das culturas em extensões variáveis.

Os Estados Unidos, na condição de maior país exportador, aumentaram a área de milho em 11% e depois a mantiveram no mesmo nível, enquanto o trigo cresceu 9% mas se reduziu em 16% durante os três anos seguintes.

> Enquanto as nações desenvolvidas disponibilizam 600kg *per capita* por ano a seus cidadãos, o valor desse índice cai mais de um terço nos países mais pobres. O triste resultado é que mais de 800 milhões de pessoas continuam a passar fome.

Visão estrutural

Paralelamente a essa análise conjuntural, uma visão estrutural deve ater-se ao impacto dos ganhos de produtividade, efeito de investimentos maciços em tecnologia ao longo dos anos, que vem garantindo produções crescentes, ainda que com reduções ou manutenção das áreas plantadas.

Para justificar a queda dos preços internacionais dos cereais desde meados dos anos 90, há alguns argumentos de base econômica. O principal deles é que, sob os preços correntes das *commodities* agrícolas, a produção excede a demanda. Mesmo com a promoção de cor-

OMC: o que defendem os diversos grupos

Grupo de Cairns:

- a eliminação de subsídios na exportação de produtos agrícolas;
- o disciplinamento de créditos às exportações e programas de ajuda alimentar dos Estados Unidos;
- a redução e eliminação das tarifas entre países e produtos para acesso a mercados;
- a eliminação dos subsídios na exportação;
- a negociação de créditos para exportação na OCDE;
- a eliminação da caixa azul (subsídios para reparar escassez devido a adversidades climáticas, pragas, doenças).

A União Européia defende:

- a existência da caixa azul;
- a introdução de temas não comerciais ligados a qualidade, bem-estar dos animais, ecologia.

Países com menor nível de desenvolvimento defendem:

- a criação da caixa de desenvolvimento para aumentar a capacidade de produção, garantir a segurança alimentar e a manutenção do emprego rural;
- a livre escolha dos produtos sujeitos a taxação nas importações;
- os que são contrários à caixa verde: subsídios para pesquisa, extensão, ecologia, áreas em descanso.

Informações gerais

- O comércio agrícola movimenta cerca de US$500 bilhões ao ano.
- Desde o fiasco de Seattle houve três reuniões: março, junho e setembro. Uma quarta está prevista para novembro.
- Os subsídios na OCDE alcançaram US$360 bilhões e voltaram aos altos níveis antes da Rodada Uruguai.
- O apoio direto americano aumentou 700% desde 1996.
- Os subsídios para exportação da UE alcançaram 9,4% do valor total em 1997. Em 1992 eram de 55%.
- Os programas de ajuda alimentar aumentaram 120% entre 1997 e 1998.
- É alta a participação das empresas estatais no comércio internacional: 40% no trigo e 30% nos lácteos.
- A OMC conta com 137 países membros. (**L.A.P.** e **R.A.**)

tes nas áreas plantadas, a queda na produção mostra-se insuficiente para compensar os ganhos de produtividade.

Ademais, com as crises no Leste asiático e no europeu, os embarques para essas regiões sofreram sensíveis decréscimos. A China alterou sua posição líquida de importador para exportador entre 1996/95 e 1998/97. Nesse movimento, os estoques mundiais se recompuseram e chegaram a 352 milhões de toneladas para o começo da temporada 1999/00, correspondentes a 18,6% do consumo anual.

A respeito da tendência de longo prazo de preços baixos no mercado internacional de cereais e oleaginosas, as dúvidas são pequenas. Somente fatos ligados a adversidades climáticas de grandes proporções, sempre imprevisíveis, poderão causar algum transtorno de curto prazo. Caso contrário, os estoques de grãos prosseguirão em patamares de pequeno risco para a segurança alimentar e passíveis de administração a médio prazo.

A situação é bem difícil para os países agroexportadores e seus agricultores. Todos sofrem apertos de renda e liquidez. Até mesmo a forte agricultura norte-americana sofre em tal contexto. As alternativas são poucas em quantidade e criatividade.

Para reduzir custos de produção, os agricultores utilizariam menos insumos, visando produtividades menores. As políticas agrícolas da União Européia e dos Estados Unidos – ambas impopulares – decidiriam pelo incremento das áreas ociosas. Enquanto isso, resta aguardar uma recuperação mais intensa das economias do Lestes europeu e do Leste asiático.

Negociações internacionais

Os países agroexportadores e em desenvolvimento precisam perseguir com afinco os direitos de acesso aos mercados dos países desenvolvidos e industriais para colocar suas *commodities* agrícolas. Paralelamente, devem zelar pelo fortalecimento de suas economias domésticas e adotar políticas agrícolas adequadas, se desejam obter o potencial econômico propiciado pelo comércio internacional.

De acordo com a FAO, muitos países em desenvolvimento enfrentam problemas na participação em negociações internacionais sobre agricultura devido a deficiências próprias. Falta capacidade administrativa e legal para tratar desses assuntos conforme a burocracia requerida pela Organização Mundial de Comércio. Outras anomalias estão ligadas a formulação de políticas nacionais, conhecimento científico e disponibilidade de infra-estrutura para negociar em bases alimentares padronizadas, além de regras para proteção de variedades cultivadas.

A participação do continente africano no mercado agrícola mundial vem caindo de maneira rápida. Seus países precisam promover uma série de reformas econômicas internas para aproveitar as oportunidades abertas pela liberalização do mercado mundial. Teme-se que esse

Estados Unidos
Assistência recorde aos agricultores

O secretário norte-americano da Agricultura, Dan Glickman, anunciou em 2 de outubro último a distribuição de um volume recorde de recursos da ordem de U$28 bilhões. O aporte corresponde ao ano agrícola de outubro de 1999 a setembro de 2000 e significa a metade da renda líquida do setor, após atingir o menor nível desde 1994. Dessa assistência, 28,5% virá como garantia de preços mínimos; 40% como suplementação de renda; 19,5% como pagamentos emergenciais para 1,4 milhão de agricultores e 15% são do programa de flexibilização da produção.

"Este foi outro ano difícil para os agricultores norte-americanos e o Departamento de Agricultura precisa ajudá-los", disse Glickman. "Eu não tenho dúvidas de que, em muitos casos, essa ajuda significará a sobrevivência das pequenas propriedades familiares, que caso contrário teriam de abandonar seus negócios. A mãe natureza castigou duramente nossos produtores com secas no Sul e Sudeste, enchentes nos planaltos do Nordeste e com a destruição provocada por fogo no Oeste."

As lideranças rurais do país reclamam do Farm Bill aprovado em 1996 por deixar os agricultores sem instrumentos adequados para protegerem suas rendas.

Para remediar essa situação, tanto o poder legislativo como o executivo trabalharam pesado para que os agricultores pudessem dispor de instrumentos para enfrentar os problemas que fogem a seu controle. Os pagamentos emergenciais anuais mostram claramente a tendência ainda mais protecionista de suas políticas.

Além dos valores anunciados, contemplados pelo Programa de Conservação e Reserva (PCR), mais de US$1,4 bilhão serão postos à disposição da agricultura. Cada beneficiário recebe US$4,83 por propriedade ou US$90 por hectare, em aproximadamente 463 mil contratos e 294 mil propriedades.

Os objetivos são reduzir a área de solo erodido; expandir os hábitats naturais; melhorar a qualidade da água; encorajar o plantio de árvores e restaurar várzeas e banhados.

O Congresso também está analisando proposta do presidente para adicionar mais 1,44 milhão de hectares e elevar para 16 milhões de hectares as áreas abrangidas pelo PCR.

Há ainda a distribuição de US$340 milhões para assistir aos plantadores de fumo cuja cota de produção foi reduzida na temporada 1999/00. Nos Estados Unidos, a quantidade produzida do produto é regulada conforme oferta e demanda, tendo os produtores garantia de preços mínimos. Nos últimos anos, as quotas de produção dos fumicultores têm sofrido significativas reduções e causado problemas às economias rurais nas regiões produtoras (**L.A.P.** e **R.A.**).

complexo desafio não seja cumprido na velocidade imposta pelos mercados e, com isso, eles poderão isolar-se ainda mais da integração mundial.

Opções para os menos desenvolvidos

Uma opção real dos países em desenvolvimento é concentrar suas negociações em metas para suas políticas domésticas e para o comércio internacional. Algumas dessas metas:

- remoção de distorções adversas a produtores pequenos e pobres, como facilidades de acesso a mercados mediante abertura comercial;
- ganhos livres de acesso, sem aplicação de tarifas, nos mercados de países desenvolvidos e industriais;
- extinção de subsídios de exportação e controles exacerbadores da flutuação dos preços nos mercados mundiais, ambos praticados pelos países desenvolvidos e industriais;
- assistência financeira e técnica para desenvolver setores agrícolas de baixa renda;
- montagem de infra-estrutura sanitária para atender aos requisitos de padrões alimentares estabelecidos pelos países desenvolvidos e industriais;
- adequação da ajuda alimentar externa, de modo a priorizar a produção doméstica.

As negociações agrícolas acontecem no comitê de agricultura da OMC desde o fracasso da conferência mundial realizada em Seattle, nos Estados Unidos, no fim do ano passado.

A retomada dos trabalhos segue em ritmo lento e as posições dos países agroexportadores do Grupo de Cairns, Estados Unidos, União Européia e países beneficiados pelo programas de ajuda alimentar estão desfocadas no tocante aos temas relacionados a acesso a mercados, medidas de apoio interno e subsídios à exportação.

Os trabalhos na OMC passarão por uma de três alternativas.

A primeira, mediante uma nova rodada abrangente de negociações, com a incorporação de temas ligados a meio ambiente e concorrência. Uma segunda, bem mais limitada, contemplando agricultura, serviços, propriedade intelectual, transparência das compras e vendas governamentais.

Mundo: dados sobre cereais e déficit alimentar

Cereais no mundo	*1996/97*	*1997/98*	*1998/99*	*1999/2000*	*2000/01*	*2000/01 %*
Produção (milhões de toneladas)					Projeção	Sobre 1999/00
Trigo	589	613	598	589	587	-0,4
Grãos forrageiros	920	905	911	882	896	1,6
Arroz	383	387	390	404	398	-1,5
Todos os cereais (inclusive arroz)	1.892	1.906	1.898	1.876	1.881	0,3
Países em desenvolvimento	1.025	1.005	1.038	1.030	1.004	-2,6
Países desenvolvidos	867	901	860	845	878	3,9
Importação						
Trigo	103	101	100	108	107	-0,3
Grãos forrageiros	91	89	93	101	101	0,4
Arroz	19	28	25	22	23	2,6
Todos os cereais	212	218	218	231	232	0,3
Países em desenvolvimento	150	160	159	166	168	1,1
Países desenvolvidos	62	59	59	65	64	-1,9
Ajuda alimentar	5,6	6,2	11,0	10,0	9,5	-5,0
Consumo						
Trigo	575	591	590	596	598	0.4
Grãos forrageiros	894	893	896	892	897	0.5
Arroz	381	383	391	402	405	0.8
Todos os cereais	1.849	1.867	1.877	1.890	1.900	0.5
Países em desenvolvimento	1.107	1.111	1.136	1.146	1.152	0,6
Países desenvolvidos	742	756	740	744	748	0,5
Consumo *per capita* (quilos por ano)						
Países em desenvolvimento	173	172	173	174	174	0,1
Países desenvolvidos	130	130	130	130	131	0,6
Estoques (milhões de toneladas)						
Trigo	114	137	143	138	127	-8,0
Grãos forrageiros	127	141	152	143	139	-3,1
Arroz	56	55	57	60	54	-10,9
Todos os cereais	297	334	352	342	320	-6,5
Países em desenvolvimento	175	165	176	179	147	-18,0
Países desenvolvidos	122	169	176	162	173	6,3
% Estoque/consumo	15,9	17,8	18,6	18,0	16,5	
Preços de exportação (US$/tonelada)						
Arroz (Thai, 100%, 2nd grade) 1/	352	316	315	253	217	-17,5
Trigo (US. Nº 2 Hard Winter)	181	142	120	112	115	4,5
Milho (US Nº 2 Yellow)	135	112	95	91	76	-15,5
Frete						
US Golfo para Egito	12,8	11,7	9,3	13,7	16,3 8/	40,1
Déficit alimentar nos países de baixa renda (milhões de toneladas)						
Raízes e tubérculos	379	363	387	384	384	-0,1
Cereais	803	785	810	812	781	-3,8
Produção *per capita*	225	216	219	217	206	-4,8
Importação de cereais	69,5	79,0	71,9	73,0	74,2	1,7
Ajuda alimentar	4,7	5,5	7,9	6,8	7,5	10,3
Participação % da ajuda alimentar	6,7	6,9	11,1	9,3	10,1	–

Fonte: FAO, set. 2000.

Políticas de apoio interno à agricultura pós-Rodada Uruguai

Região/país		*Período base 1986/88*	*1995*	*1996*	*1997*
União	Caixa verde	9.233,4	18.779,2	22.130,3	–
Européia	Caixa azul	–	20.843,5	21.520,8	–
(ECUs)	MGA* e M**	73.644,9	50.600,0	51.480,0	–
	Total	82.878,3	90.222,7	95.131,1	–
Estados Unidos	Caixa verde	24.098,0	46.041,0	51.825,0	51.249,0
(US$)	Caixa azul	–	7.030,0	51.825,0	–
	MGA	24.659,0	7.696,8	6.982,4	7.042,6
	Total	48.757,0	60.767,8	58.807,4	58.291,6

Fonte: OCDE.
*Medida global de ajuda: nível anual de apoio monetário prestado a produtos e produtores em geral.
**Minimis: valor da produção isento de compromissos de redução.

Como terceira opção, sobra a frustrante situação atual de conversações em torno de agricultura e serviços, onde se fecham os olhos para outros temas importantes e sabe-se de antemão quão minguadas serão as concessões.

ABORDAGEM AGROECOLÓGICA

Muito embora as tecnologias preceituadas pela revolução verde tenham sido responsáveis por largos incrementos na produtividade agrícola mesmo em países da Ásia, América Latina e até em alguns poucos do Subsaara africano, muitos agricultores ficaram à margem desse processo.

Dois desafios prosseguem pendentes: chegar efetivamente aos produtores desassistidos e reduzir a dependência de elementos químicos nos fertilizantes e defensivos, com racionalização no emprego da água para irrigação.

A abordagem agroecológica ganha espaço junto às organizações não governamentais. Seu modelo induz à absorção intensiva da mão-de-obra e ao uso de material orgânico, e por isso desfruta de forte apelo social e ambiental.

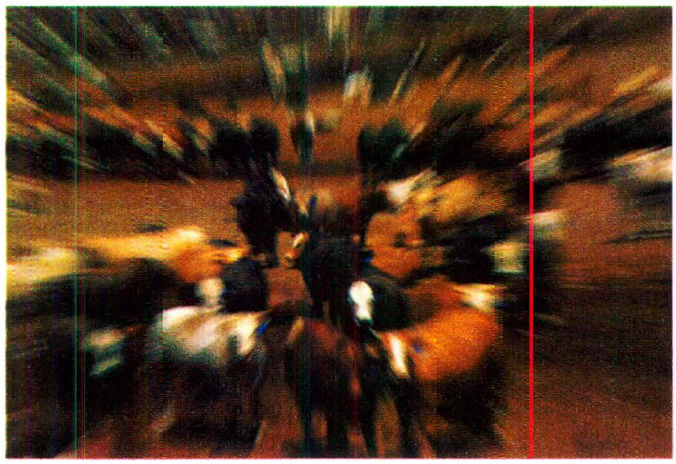
Como sua prática requer altos níveis de conhecimento científico e manejos sofisticados, muitos investimentos e realizações correm no sentido da conquista dessa capacitação.

Uma das características da produção agroecológica vem do fato de experimentação e pesquisa estarem inseridas no âmbito das propriedades, com relevância maior em relação às investigações científicas mais formais.

O aproveitamento local das sobras de explorações agrícolas e pecuárias, o trabalho do ruralista, a produção da *compostagem* para melhorar as propriedades físicas e químicas do solo aparecem associados ao manejo integrado de pragas e doenças. Os produtos químicos são recomendados somente nas últimas hipóteses.

As atividades agroecológicas demandam muita mão-de-obra, propiciando uma assimilação alternativa. É um aspecto positivo, ainda que seu menor retorno recomende menor uso intensivo.

No caso dos produtos orgânicos, o retorno da mão-de-obra mostra melhor desempenho. Já a adubação verde varia quantitativamente em relação direta com o solo: ela tende a ser alta onde há grande disponibilidade de áreas e vice-versa.



O declínio e a fraca fertilidade do solo são problemas de caráter geral, porém extremamente sensíveis na África. Nesse continente, aproximadamente 86% dos países mostram balanço negativo de nutrientes na base de 30kg de nitrogênio, fósforo e potássio por hectare.

O custo anual dessa eliminação soma US$1,5 bilhão por ano. Mesmo com técnicas de conservação do solo, rotações de culturas com leguminosas ou plantio direto, lá não se poderá dispensar o emprego de fertilizantes químicos durante muito tempo ainda.

A abordagem agroecológica vai deixando para trás o tempo em que era considerada utopia, sonho de pessoas sem pé na realidade.

Uma de suas grandes possibilidades consiste em promover o manejo sustentável dos recursos naturais, com participação direta e ativa dos agricultores tanto na identificação dos problemas como na proposta de ações locais mais adequadas na propriedade e na comunidade.

É bem provável que dessa linha de participação no desenvolvimento tecnológico brotem as alternativas mais férteis para administrar os problemas da produção alimentar.

BILBIOGRAFIA

Andersen P.; Pandya-Lorch.R & Rosegrant M. *World food prospectives*: critical issue for the early twenty-first century. Washington D.C., International Food Policy Research Institute, Oct. 1999.

Persistência da fome

O dia da alimentação acontece no mesmo dia da fundação da Food Agriculture Organization – FAO –, em 1945, com sede em Roma.

A data é celebrada com eventos marcantes no dia 16 de outubro. Entre as atividades comemorativas, a FAO todo ano aproveita para delatar à opinião pública o flagelo mais mortífero do mundo, a fome. Seus dirigentes clamam pela prioridade de políticas que forneçam segurança alimentar a toda a população do planeta.

Contrariado pelo quadro atual, o diretor-geral da FAO, Jacques Diouf, foi enfático em sua mensagem deste ano, asseverando que "as causas da fome e da pobreza são moralmente inaceitáveis e precisam ser extirpadas. A fome e a subnutrição reduzem a capacidade de vida das pessoas. O atraso, seja por inacessibilidade física ou econômica a uma nutrição alimentar saudável, lidera em conseqüências nefastas as mazelas entranhadas nas nações".

Quatro celebridades foram nomeadas como embaixadores da FAO: os cantores Dee Dee Bridgewater e Miriam Makeba, a atriz Gina Lollobrigida e a vencedora do Prêmio Nobel Rita Levi Montalcini, e estarão unindo seus esforços na dura cruzada contra a fome. Especialmente neste ano, mais dois embaixadores, ambos cantores, foram indicados: o chinês Gong Li e o senegalês Youssou N'Dour.

No Congresso de Alimentação realizado durante 1996, em Roma, líderes de mais de 186 países firmaram compromisso para reduzir à metade o contingente de pessoas vitimadas pela fome no mundo até 2015. A meta era baixar o número para 400 milhões. Quatro anos depois, apenas 8 milhões haviam saído dessa penosa situação. Um resultado pífio, duas vezes e meia inferior ao almejado. Se o processo continuar nesse ritmo letárgico, a quantidade de famintos ficará em 580 milhões, e só em 2030 se atingirá a meta proposta.

Com base nos dados coletados entre 1996 e 1998, um contingente de 826 milhões de pessoas ainda não tem acesso suficiente à alimentação. Desse total, 34 milhões estão nos países desenvolvidos e 792 milhões encontram-se nos países em vias de desenvolvimento.

Comparado aos levantamentos de 1990 e 1992, um quadro de estagnação frustrante: um sexto da população mundial continua na trama da fome. O Brasil não colaborou em nada para melhorar essa *performance*. Inconformada, a FAO acaba de lançar o *slogan* "Fim da fome no terceiro milênio" (**L.A.P.** e **R.A.**).

